

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal Class.: 48  
 Data: 29/03/84 Pg.: 18

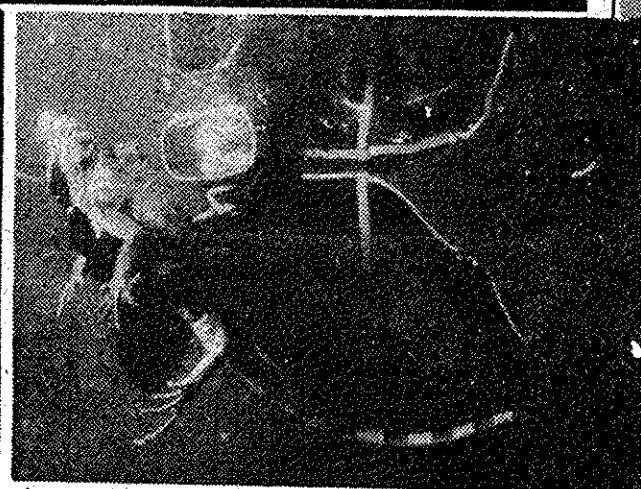
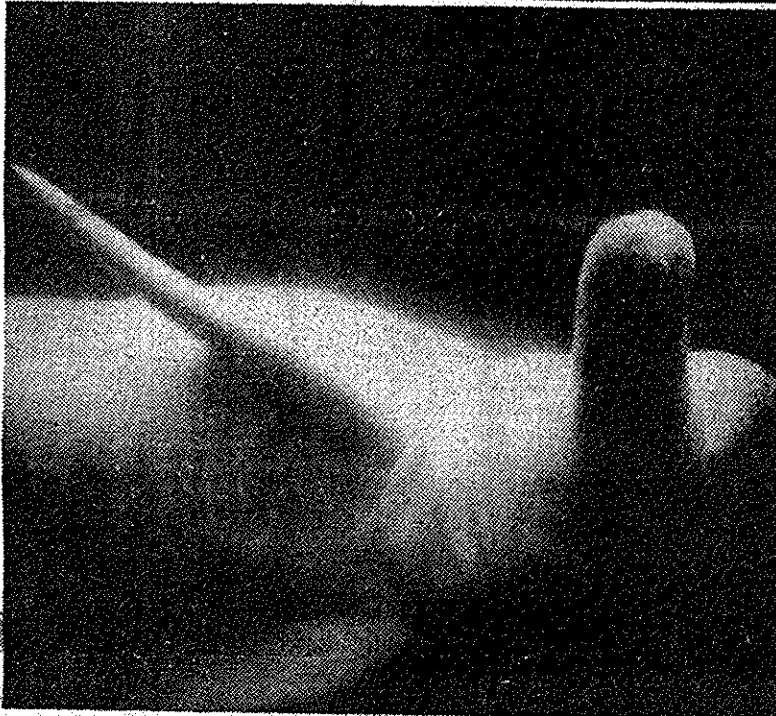
# Jacques Cousteau

## Em imagens, a mais longa expedição ao Amazonas



Custódio Coimbra

"Recomendaria a proibição de vastas áreas da Amazônia ao homem" — diz Cousteau, mas admite que a idéia é difícil de ser posta em prática



A equipe que com Cousteau viajou no "Calypso" tirou 75 mil fotografias da Amazônia

**D**AS 75 mil fotografias tiradas nos 18 meses em que o Comandante Jacques Cousteau, 73 anos, e sua equipe entraram com o Calypso no estuário do Amazonas, 108 foram selecionadas e estão, a partir de hoje, em exposição no Fórum de Ipanema, mostra pequena mas significativa da expedição mais longa e complexa empreendida pelo oceanógrafo francês.

No Brasil por apenas dois dias, Jacques-Yves Cousteau encontrou tempo suficiente para exibir filme de duas horas sobre a expedição ao Presidente da República, receber o sinal verde para a realização de um simpósio no Brasil, quando, fim do ano, apresentará seu relatório e fazer recomendações ao Ministro da Agricultura, sobre aquicultura e cultura do arroz na Amazônia. Ele, que já está com sua atenção voltada para uma pesquisa no Mississippi, Estados Unidos, e uma próxima expedição à China, define sua impressão da Amazônia:

— É como um quadro impressionista, todo formado por manchas.

Informal, roupa estilo safari, cabelos brancos puxados para trás, o comandante Cousteau informa que dois cientistas, um americano, outro francês, estão coordenando os trabalhos de diferentes laboratórios, para a análise final do material coletado na expedição.

Até dezembro os resultados preliminares estarão prontos, o relatório escrito terminado para apresentação no simpósio que reunirá no Brasil, além da comunidade científica brasileira, representantes da Fundação Cousteau, canadenses, alemães, americanos, franceses, russos, peruanos, colombianos e venezuelanos.

Jeito de pescador queimado do sol, fala mansa e pausada como de um professor, cientista tornado mito pelos filmes exibidos em televisões no mundo inteiro (os seis milhões de dólares gastos com a expedição à Amazônia encontraram retorno com a venda dos direitos para exibição dos filmes por canais de TV), Jacques Cousteau trata ainda da criação de uma subsidiária da Fundação, que tem sede no Principado de Mônaco, no Brasil.

— Os objetivos seriam os de trabalhar com as 400 organizações ecológicas brasileiras, tentando mostrar às pessoas como pressionar para conseguir solução

para problemas como a regulamentação da pesca, proteção de espécies, preservação de culturas e do meio-ambiente.

Se a expedição à Amazônia foi sua viagem mais apaixonante, o francês que nasceu em Saint André de Cubzac, perto de Bordéus, e fundou — depois de ter-se desligado da Marinha de Guerra da França como capitão-de-corveta — um grupo de estudos dedicado à investigação marinha, confessa não ter consigo todos os detalhes das pesquisas.

— É difícil dizer o que encontramos, tentamos ficar no plano geral.

A dualidade entre o progresso nos países em desenvolvimento e a necessidade de preservar o meio-ambiente é analisada por Cousteau. Para ele, o Brasil, como o resto do mundo, é um exemplo do que não deve ser feito. Cita a destruição "catastrófica" do sul do país, criando inundações e outros fenômenos graves, mas acha que a Amazônia, "região do tamanho da Europa", é atualmente uma área disponível para o melhor ou o pior.

Houve destruição, mas não foi tão importante. A mais grave foi em relação à caça. Projetos como o Jari e Carajás, que já destruíram uma quantidade razoável de florestas, são ainda compatíveis com a ecologia e, se modificados, admissíveis.

O problema, para o cientista francês, que concederia mais tarde uma entrevista coletiva no Copacabana Palace, com seu filho Jean Michel e sua nora Anne Marie por perto, é saber se a Amazônia deverá ser mantida intacta ou não. Há, no seu entender, várias soluções, como o não fazer nada, submetê-la a um desenvolvimento selvagem ou, melhor, promover o desenvolvimento com respeito à natureza.

Há soluções e algumas dificuldades. É claro que, se pudessemos escolher, recomendaríamos a escolha de vastas áreas para serem declaradas proibidas ao homem. Seria bom, mas acho impossível que o Governo pense assim. É verdade que alguma exploração da floresta deverá ser feita, mas não penso que explorar seja promover a queima e derrubada de árvores. Os problemas da Amazônia são mais fáceis de ser resolvidos, decididos, do que postos em prática. Há três anos temos encontrado por parte do Governo brasileiro boas

intuições, como decisões envolvendo a criação de parques e reservas, leis de proteção aos animais. Mas nada disso foi efetivamente realizado.

Crítico, combativo, o comandante considerou delicada uma pergunta sobre o que o Governo brasileiro fez de mais errado em relação à Amazônia. Mas respondeu, afirmando que talvez seja o envio de migrantes do sul para o norte, sem que estejam preparados para tal trabalho.

O mais difícil é controlar o que se faz na região, os seringueiros ou outros que se estabelecem lá. Os animais são, em princípio, protegidos, mas caça-se e mata-se à vontade. Os membros das companhias petrolíferas que vão fazer pesquisas levam, sempre, em sua bagagem, fuzis de caça e, nas horas livres, saem matando. O que me inquieta é a dificuldade do controle.

**I**MPORTANTE para este navegador, que, em 1950, graças à ajuda que recebeu de um fabricante de cerveja irlandês, Lord Guinness, iniciou sua campanha em defesa das espécies marinhas ameaçadas de extinção a bordo do Calypso, é a mudança de mentalidade. Empreender um grande movimento nacional junto ao povo para que os próprios habitantes da Amazônia possam explicar aos colonos e recém-chegados o que deve ser feito e o que não deve ser feito.

O que se faz é queimar tudo. E recomendei ao Ministro da Agricultura que desenvolvesse a cultura do arroz nas margens dos rios, o que, acho, encontrará em algumas grandes áreas possibilidades fantásticas, como também a aquicultura em grande escala para a criação de peixes. Recomendei, também, que não sejam desenvolvidos projetos de pesca industrial. A artesanal pode — diz sorrindo — porque com a industrial dois, três anos depois não haveria mais peixe lá.

Política ou técnica, a solução para a Amazônia, no entender do oceanógrafo francês, estaria mais dependente de recursos financeiros.

Acho que todos os partidos políticos estão sensíveis à necessidade de se preservar o meio-ambiente. A decisão deve ser tomada para se conseguir

verbas no orçamento da União e isto custa caro. O Inpa — Instituto de Pesquisas da Amazônia — sofreu cortes no seu orçamento, já pequeno. Sei que a austeridade é necessária a vários países, na França também é assim, mas em geral os governos cortam as coisas boas.

Houve regiões em que a equipe Cousteau não entrou, para evitar atritos com os índios. Grandes problemas não surgiram. E a opinião do cientista francês sobre a sobrevivência dos grupos indígenas brasileiros não é muito otimista. As ameaças, para ele, não são mais de massacre ("houve, mas hoje podem acontecer em escala reduzida, sendo verdade que os índios também matam"), coisa de tempos passados, mas da propagação das doenças e da falência de uma civilização.

O objetivo é aculturá-los. Sabemos que a educação, a escola para os pequenos índios, é uma coisa boa. Mas quando o Governo a impõe os índios perdem o contato com a floresta, voltam como estrangeiros. É uma cultura que, com sua tradição oral, poderá desaparecer sem deixar rastro.

A expedição Jacques Cousteau à Amazônia dará muitos frutos: o primeiro livro de fotografias sairá em outubro, os dois primeiros filmes estão sendo lançados nos Estados Unidos, quatro outros estarão prontos até junho. Mas, se antes muitas publicações e livros foram lidos como suporte teórico para as pesquisas e conhecimento da região, o ano e meio de contato com o rio Amazonas, incursões até Peru, Colômbia e Venezuela mudaram, em muito, as impressões iniciais do oceanógrafo francês.

Tudo o que havíamos lido eram generalidades. Afirmavam o tipo de solo a partir de uma amostra, como se regiões tão diferentes, com extensão tão vasta, pudessem ser homogêneas. Dizia-se que a Amazônia fornece 25% de oxigênio para o mundo, não é verdade. O percentual é muito mais baixo, porque, se durante o dia a floresta fornece oxigênio, à noite o absorve em grande quantidade.

**E** bem à vontade para falar sobre um assunto que tanto o apaixonava — "poderia discorrer horas seguidas" — Cousteau não só critica os livros escritos por ecologistas ou escritores a partir de uma viagem de oito dias à região — "não pode ser sério" — como diz não ter visto o filme *The Day After*, realizado nos Estados Unidos.

Não vi e acho que não foi bem-feito, pelo que me contaram. Mas, tratando de um assunto tão assustador, deve ter provocado fortes reações nos que o assistiram. A propósito, gostaria de dizer que nossa Fundação estabeleceu prioridades em relação aos perigos que ameaçam, atualmente, a humanidade. Em primeiro lugar, na hierarquia, está a bomba atômica. Contribuímos de todas as formas possíveis para esclarecer as pessoas contra esta violência. Em segundo, está o problema mais importante atual, o desequilíbrio entre a pobreza dos países subdesenvolvidos do Terceiro Mundo e a riqueza dos países ricos. Isto não pode ser tolerado, gerará grandes tragédias.

A terceira prioridade seria aparentemente, para os muitos fiéis seguidores de Cousteau que assistem, em todo o mundo, a seus filmes sobre a vida submarina na televisão, a primeira. Mas vem depois: é a defesa do meio-ambiente.

Sei da gravidade do problema, mas não podemos sair primeiro na defesa da preservação de leões e baleias, se há gente morrendo de fome. E a razão de sermos contra as usinas nucleares não coincide com o ponto-de-vista dos ecologistas, preocupados com o lixo atômico, problemas desta ordem. Somos contra porque qualquer uma delas poderá fabricar uma bomba atômica.

BEATRIZ BOMFIM.

## UMA EXPOSIÇÃO NO CAMINHO DA ÁGUA

**A** despedida ou a volta de um golfinho rosa, primo raro do boto, ao mar, depois de alguns dias passados na piscina do convés do Calypso, o velho caçaminas transformado por Jacques Cousteau no mais moderno pesquisador mares afora, foi emocionante para toda a equipe que participou de expedição à Amazônia. E é uma das muitas, total de 108, fotografias coloridas, expostas no Fórum de Ipanema até o dia 29 de abril, de segunda-feira a domingo, das 10 às 19 horas, patrocinado pelo JORNAL DO BRASIL, Bradesco Seguros, Varig e João Fortes Engenharia.

Antes apresentada apenas no Rockefeller Center, em Nova Iorque, a exposição mostra um pouco da incursão do oceanógrafo francês pela Amazônia: gente da região, espécies em extinção, pássaros, peixes, animais. Não raro os fotógrafos, entre eles dois brasileiros, Ayrton Camargo e Haroldo Palo (além do filho do cientista, Jean-Michel Cousteau, sua mulher, Anne Marie, e outros de várias nacionalidades), precisaram de uma extrema precisão e de grandes recursos técnicos para apreender imagens que não se repetiriam.

Pelos caminhos de Cousteau — do pantanal mato-grossense à Colômbia, Peru e Venezuela — muito foi fotografado, nem sempre nas condições ideais encontradas pelos fotógrafos em expedições anteriores. Não havia câmeras e transparentes águas, mas as barragens do Amazonas e de seus afluentes. E truques foram utilizados, como capturar peixes que eram postos em piscinas de lona a bordo do Calypso, onde podiam ser retratados.

São imagens que mostram os garimpeiros de Serra Pelada ou, título encontrado, "o rio, a auto-estrada da Amazônia", na ótica de Scoff Frier. Ainda peixes-bois, ninho de garças, que exigiu do brasileiro Ayrton Camargo seis horas de imobilidade, colonos e raízes da farmacopéia local.